

FUTEBOL E CAPITALISMO

Quase todos os brasileiros estão vivendo um momento especial, a Copa do Mundo. A despedida de seleção no Maracanã, com uma goleada e com a torcida resgatando a camisa amarela, que tinha sido sequestrada, foi uma festa. Não são somente os brasileiros, pois a Copa do Mundo de Futebol Masculino é, sem dúvida, um verdadeiro espetáculo visto no mundo todo.

Mas vamos pensar sociologicamente e, uma das maneiras, é cultivar a imaginação sociológica, ou seja, segundo Wright Mills, libertar-se do imediatismo das circunstâncias e ver as coisas num contexto mais amplo.

Talvez o futebol, como quase tudo hoje, tenha se tornado capitalista, tanto em relação a sua história, a seus dirigentes, a seus torcedores e a seus jogadores.

Embora Eduardo Galeano tenha dito que “A história oficial ignora o futebol”, muitos historiadores afirmam que nenhuma história do mundo moderno estaria completa sem o futebol e, certamente na Copa de 2026, isto parece uma verdade incontestável.

O futebol enfrentou problemas ligados às classes sociais desde o seu surgimento na Inglaterra. Criado para a alta sociedade britânica, enfrentou algumas barreiras, até que fosse apreciado por ricos e pobres, sem distinção de classes. A pesquisa feita por Gabriel Gonçalves Ribeiro e Vanessa dos Passos Pereira, “Futebol no modo de produção capitalista” mostra que assim como a trajetória do futebol na Europa, no Brasil ela não foi tão diferente. No início, a modalidade era praticada pelas elites econômicas e sociais concentradas em São Paulo, já que foi na capital paulista que o futebol desembarcou junto com o jovem Charles

Miller. Em seus primeiros passos, o esporte pertencia a uma classe majoritariamente branca e que via o futebol como um lazer refinado. Os jogos ocorriam em locais fechados e eram organizados pelos clubes sociais da época. Foi um período marcado pela forte exclusão de negros e mestiços nos jogos.

Para explicar as mudanças ocorridas, cito, por exemplo, o meu time, o Corinthians Paulista, que foi fundado em 1910 por moradores do bairro do Retiro, composto naquele tempo majoritariamente por imigrantes e operários. A criação desse clube na cidade, onde o futebol mais se desenvolvia, visava formar um clube para as massas, com a participação de negros, brancos, imigrantes e operários. Dessa maneira, sua criação foi pioneira no rompimento com os pré-requisitos inventados pelas elites para definir quem poderia ou não praticar a modalidade. Por sua gênese e trajetória, o Corinthians é conhecido como Clube do Povo.

Por outro lado, sabemos, há muito tempo, que o comando do futebol está nas mãos dos que cuidam de negócios. Ele não é só uma verdadeira máquina de fazer dinheiro, mas também uma expressão externa das formas mais desenfreadas e corruptas do capitalismo. Futebol, hoje, é essencialmente negócio. Veja, por exemplo, a questão das bets. De acordo com pesquisas recentes, a receita com apostas durante a competição deve ultrapassar US\$ 50 bilhões (R\$ 251,5 bilhões) . Os clubes se servem dos patrocínios e da venda dos direitos de TV, as emissoras de televisão lucram com a venda de cotas de anúncios e os anunciantes, por sua vez, lucram ainda mais com a audiência que promove a venda massiva dos seus produtos. O esporte mais popular do mundo é uma indústria multibilionária e palco para todo tipo de interesse econômico e político.

Para os torcedores, o futebol tornou-se uma religião, a última “religião laica”, como foi chamada por Eric Hobsbawm. Há uma adoração ao clube. O torcedor vai ao estadio, aos domingos, da mesma maneira que antes ia à missa. A felicidade que, por limitação na renda, não consegue ter nos bens, ele tem no time de futebol. O futebol substitui os bens que ele não pode ter e faz sua “felicidade”. Imaginem a felicidade dos brasileiros, se ganharmos a Copa!

Paulo de Tarso Soares afirma que a torcida pelo time de futebol não é diferente do seu cotidiano. Com exceção da torcida por ocasião da Copa, a violência física reproduz a violência das condições indignas de vida. Brigas entre torcidas e depredações na ida e na volta dos estádios são vistas como lazer, embora possam levar à morte. Lembro-me da saída de um jogo entre Ponte Preta e Corinthians. Quando o sinal fechou e o trânsito parou, um grupo de seis jovens desceu de uma caminhonete, foi até o carro da frente, da capital, com torcedores corintianos, alguns pularam em cima do carro, disseram palavrões, outros amassaram os paralamas do carro com chutes e quando o trânsito fluuiu, o grupo voltou tranquilamente para a caminhonete.

Quanto aos jogadores, uma pesquisa feita por Lucas Giachetto de Araujo e Sergio Settani Giglio, “O Capital no futebol: análise da mercadoria jogador” procura analisar a questão da mercadoria no futebol, mais especificamente o jogador como mercadoria. Marx inicia sua crítica ao capitalismo, afirmando que ele nada mais é do que um grande depósito de mercadorias. O futebol é parte integrante deste sistema, reflete a sua lógica dialética de acumulação e a obtenção de lucros, assim como as relações de mercado e exploração.

Segundo a análise marxista do capitalismo, os bens produzidos pelos homens para sua sobrevivência têm valor de uso e valor de troca. O jogador é ao mesmo tempo o produtor de mercadoria (valor de uso) e a própria mercadoria (valor de troca). É o produtor de mercadoria quando vende a sua força de trabalho para uma equipe por meio de sua competência, mas também é a materialização da mercadoria, pois ele pode ser vendido para outras equipes, que lhe desejam como um valor de uso.

Segundo Guy Debord, vivemos numa sociedade capitalista e nela, tudo nos leva ao espetáculo, ou seja, a representações. Todas as formas de manifestação humana tornam-se reféns do capital. O "espetáculo" não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens e mercadorias que impõem um consumo passivo e alienante. O futebol não fica fora. A espetacularização faz com que todos fiquem alienados de suas próprias experiências. Há uma engrenagem em que todos são peças importantes para o aumento de lucro e de audiência.

Apesar de tudo, nada mais gratificante de ver um grande jogo, de ver uma vitória do seu time ou de ver o Brasil hexacampeão.